

DA MEMÓRIA AO MUSEU: A EXPERIÊNCIA DA FAVELA DA MARÉ

Antônio Carlos Pinto Vieira

**Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade
Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO**

Um museu na favela

No dia oito de maio de 2006 foi inaugurado o Museu da Maré, num evento que contou com ampla cobertura da imprensa e a participação de autoridades ligadas à política cultural brasileira, dentre as quais o próprio Ministro da Cultura Gilberto Gil. A iniciativa contou com o apoio do Departamento de Museus do Ministério da Cultura e foi viabilizada com recursos do Programa Cultura Viva do mesmo ministério.

Por parte da comunidade local houve grande mobilização. Representantes de instituições, antigas lideranças e grupos culturais estiveram presentes e participaram com apresentações durante todo o evento. Já antes da inauguração, moradores contribuíram com a doação de fotos e objetos pessoais que desejavam ver integrados ao acervo, e para definir a linha museográfica a ser adotada, promover a escolha dos objetos e estimular a montagem da exposição foi constituído o “Fórum Museu da Maré”, que contou na reunião de fundação, com a participação de cerca de cem pessoas, entre moradores e integrantes do movimento comunitário local.

A imprensa saudou a iniciativa como pioneira, referindo-se ao Museu da Maré como o “primeiro museu em favelas”. Vários artigos foram escritos sobre o tema. O arquiteto e ex-prefeito da cidade Luiz Paulo Conde, em artigo publicado no jornal O Globo de 10/06/2006, assim se referiu ao museu:

Em meio ao turbilhão político e econômico que tem sacudido o país nestes últimos tempos, uma notícia, vinda do Rio de Janeiro e veiculada pelos principais meios de comunicação, mostra-nos como é fantástica a capacidade dos brasileiros de dar a volta por cima e vencer situações de vida extremamente complexas. Em especial, os brasileiros que se encontram nas classes mais pobres, enfrentando todo tipo de adversidades para sobreviver num dos países mais injustos do planeta.

Refiro-me à inauguração, no último dia 8 de maio, do Museu da Maré, uma parceria do Ministério da Cultura com a ONG Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (Ceasm). Um dos exemplos mais criativos e mais interessantes desta capacidade de transformar problema em

solução, de preservar história e tradição, de não perder as esperanças jamais. (O Globo, 10/06/2006, p.5)

A crítica de arte do Jornal do Brasil, Elvira Vigna, também se ocupou em escrever sobre o Museu da Maré. Identificando a experiência na linha da arte contemporânea dos *found objects* ou *objets trouvés*, afirma que “o Museu escapa do que em geral acontece nas manifestações de arte de comunidades carentes quando incensadas por museus ou galerias e que é a brutalidade da passagem entre o não ser visto de todo e o ser visto em excesso ou mal” (JB, 14/06/2006, p.5).

A inauguração do Museu da Maré não deixou porém de trazer polêmicas. Uma delas está relacionada com o caráter pioneiro da experiência “museu em favela”, atribuída pela mídia ao Museu da Maré, mas reclamada pelo Morro da Providência, com o Museu a Céu Aberto.¹

Outra polêmica, esta relativa ao papel social de um museu na favela, estimulou um amplo debate num *site* chamado *nomínimo*, quando foram dirigidas duras críticas à iniciativa, por entendê-la como glamorização da miséria e estímulo à favelização:

“Me diga: quem vai visitar esse museu, logo na Maré, tão dividida por facções?
Comentário de Te — 9/05/2006”.

“Esse negócio de glamourizar favelas em vez de promover a sua extinção via remoções ou reurbanização levou o Rio à situação que se vê hoje. *Comentário de The Talking Cricket — 9/05/2006*”.

“A moda da glamourizacao se apoderou desse pais, elevam qualquer coisa a categoria de arte ou de cultura.

- ignorancia eh glamourizada
- pobreza eh glamourizada
- favelas eh glamourizada
- falta de estudo eh glamourizado
- estilo de vida do trafico eh glamourizado

com eh mais facil arranjar conotacoes culturias pra todas essas mazelas do que realmente tentar elimina-las, os politicos ficam com a primeira opcao... *Comentário de abstrato — 9/05/2006*”.

“Que lembranças terríveis são essas q as pessoas querem tanto guardar na memória. Morar em palafitas, sem rede de esgoto e inúmeras dificuldades enfrentadas. Sem contar o q já foi dito anteriormente. Com a insegurança predominante nas favelas, quem irá visitar esse museu?
Comentário de isaías — 10/05/2006 “ (www.nominimo.com.br)

Torna-se evidente que mais do que lembrar, o museu começa a cumprir um importante papel social, o de questionar, suscitar o debate e a reflexão e ao mesmo tempo provocar os mais diversos

sentimentos, expondo os preconceitos e representações existentes sobre as favelas no contexto social da cidade.

Decorridos três meses de sua inauguração, o Museu da Maré se converteu numa experiência bem sucedida, de invejável vigor, já visitado por mais de 4.000 pessoas, e que pode ser compreendido enquanto novidade no uso do passado, como um ponto de referência da memória coletiva local, parte do processo de autoconstrução de uma “comunidade afetiva” que se reforça nos sentimentos de pertencimento, experiência singular num espaço marcado por silêncios e fronteiras invisíveis.

Um olhar a partir do presente

A Maré é hoje um bairro, instituído por meio da Lei Municipal nº 2.119 de 19 de janeiro de 1994. Ocupa uma área de cerca de 800 Km² na região da cidade conhecida como Zona da Leopoldina. Estende-se pela orla da Baía de Guanabara, situada entre importantes vias da cidade - a Avenida Brasil, a Linha Vermelha e a Linha Amarela. O bairro é formado por quinze comunidades, onde vive uma população de cerca de 132 mil pessoas, nele estando localizados quinze escolas públicas de ensino fundamental, três escolas de ensino médio, seis postos de saúde e um batalhão da Polícia Militar, o 22º BPM.

O bairro ainda conta com equipamentos voltados para a cultura, como uma Lona Cultural, uma biblioteca pública municipal e a Casa de Cultura da Maré. Na área esportiva, além de praças e quadras espalhadas por todas as localidades, há uma grande vila olímpica administrada pela prefeitura e por uma ONG local. Como áreas de interesse ambiental há o Parque do Piscinão de Ramos e o Parque Ecológico da Vila do Pinheiro. A administração pública municipal se faz presente através da XXXª Administração Regional, cuja área de abrangência corresponde a toda extensão do bairro. O Governo do Estado mantém no local um Centro de Cidadania onde oferece serviços diversos como retirada de documentação, balcão de empregos e cursos profissionalizantes.

Por fim, atuam na Maré várias organizações não-governamentais, sendo as mais expressivas o Viva-Rio, a Ação Comunitária do Brasil e o Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré – CEASM, uma instituição de origem local. Do ponto de vista político, as principais instituições são as associações de moradores que tiveram um papel preponderante no processo de permanência e organização do bairro, e hoje, bastante esvaziadas de representatividade institucional, são ainda numerosas, num total de quinze associações.

O espaço é depreendido no contexto da cidade como um lugar de violência, principalmente a partir da ação midiática, que sempre destaca nos noticiários os conflitos entre as facções do narcotráfico instaladas no local e as ações policiais. Esta realidade impõe uma permanente tensão e o

fato de haver um domínio marcado pela territorialidade, com limites definidos entre os grupos rivais, acaba por reforçar a fragmentação do espaço e a ruptura das possíveis linhas identitárias.

Entendendo o lugar a partir da história

A história local nos remete ao período colonial, quando foi instalado na região, ainda no século XVI, um dos primeiros engenhos de cana-de-açúcar do Rio de Janeiro, o Engenho da Pedra, que se sobrepôs a uma região antes dominada por grupos indígenas, que deixaram a marca de sua presença na toponímia local.

Os canais de comunicação com a cidade se davam por meio de pequenos portos por onde era escoada a produção, estando os principais localizados na região da Maré: os portos de Inhaúma e Maria Angu. Assim permaneceu a região, como parte da freguesia rural de Inhaúma e importante referência econômica, até o final do século XIX, quando passou por um processo de mudança no esteio das transformações da economia capitalista mundial, na chamada Segunda Revolução Industrial. Numa região tão distante, esse processo se materializou com a inauguração da estrada de ferro da Leopoldina Railway. Tal período é assim narrado por Ivan Tolstói, citado por Sevcenko:

“O século XIX foi um período de avanços científicos prodigiosos, durante o qual campos completamente novos da ciência surgiram [...] O desenvolvimento tecnológico também foi espetacular – talvez mais ainda do que o científico na mente do grande público. Transporte, eletrificação, indústrias químicas, controle de doenças – a lista é infinita – estavam alterando a sociedade de modo profundo e irreversível. Por volta de 1900 o poder da tecnologia estava muito além do que qualquer outro século jamais sonhara. Não havia precedente histórico para o que se passava... Isso suscitou um otimismo curioso, uma fé que afirmava, com efeito, que estávamos no caminho certo – um pouco mais de esforço, um bocadinho mais de boa vontade e o nosso músculo científico-tecnológico recém-adquirido, o poder do conhecimento, resolveria todos os problemas e nos alçaria a mundos novos e utópicos”(Tolstói apud Sevcenko,1998, p. 514).

Com a estrada de ferro, vieram outras conquistas tecnológicas: os bondes eletrificados, as reformas urbanas, a expansão da cidade em direção à região rural, a instalação do Instituto Soroterápico. Por outro lado com o surgimento dos navios a vapor se fazia necessário o uso de portos estruturados, e a região dos pequenos trapiches no fundo da baía conheceu a decadência. Os centros urbanos mudaram de direção e partiram para o entorno das estações de trem. A região do litoral de Inhaúma se viu envolta na nuvem do esquecimento.

O ressurgimento econômico da região vai se dar principalmente a partir do período pós-guerra com a construção da chamada Variante Rio-Petrópolis, posteriormente Avenida Brasil. Sua construção visava não apenas criar novos canais de comunicação entre o porto e as rodovias, como favorecer o crescimento das áreas industriais que já começavam a se formar nos subúrbios, principalmente para o

atendimento a novas demandas criadas a partir das indústrias de base que estavam sendo instaladas.

Segundo Boris Fausto

podemos sintetizar o Estado Novo sob o aspecto socioeconômico, dizendo que representou uma aliança da burocracia civil e militar e da burguesia industrial, cujo objetivo comum imediato era o de promover a industrialização do país sem grandes abalos sociais. A burocracia civil defendia o programa de industrialização por considerar que era o caminho para a verdadeira independência do país; os militares porque acreditavam que instalação de uma indústria de base fortaleceria a economia – um componente importante de segurança nacional; os industriais porque acabaram convencendo de que o incentivo à industrialização dependia de uma ativa intervenção do Estado (Fausto, 1998, p. 367).

O fenômeno migratório que se deu a partir da década de 1940 foi preponderante para a ocupação da Maré. Se inicialmente o fluxo migratório compreendia populações vindas principalmente do interior de Minas Gerais e interior do estado do Rio de Janeiro, a partir da década de 1950 vai se intensificar a migração oriunda dos estados do Norte e Nordeste. O entorno da Avenida Brasil, logo vai ser apropriado por essa população que aqui chegava em busca do emprego e da moradia. As indústrias situadas ao longo da via, as grandes obras públicas como a construção da Cidade Universitária e os terrenos alagadiços e devolutos ofereceram as condições para a ocupação, que mesmo com a repressão do poder público, se constituiu num dos maiores processos de conquista da moradia já ocorridos na cidade.

As estratégias para a permanência foram fundamentais para o crescimento da região e já na década de 1970, o conjunto de favelas da Maré se encontrava consolidado estendendo-se da Praia de Inhaúma até a Praia de Ramos e apresentando uma boa parte de suas moradias construídas sobre palafitas e sobre aterros realizados pelos próprios moradores.

Apesar do aspecto de continuidade, cada núcleo de ocupação tinha uma origem própria e uma história particular. Se o Morro do Timbau tinha em sua formação pescadores ali instalados desde o século XIX ou oriundos das ilhas desapropriadas para a construção da Cidade Universitária, e a Baixa do Sapateiro e o Parque da Maré eram formados por migrantes vindos da Região Nordeste, Nova Holanda foi concebida como um Centro de Habitação Provisória ali construído sobre aterros realizados pelo governo de Carlos Lacerda para receber favelados, expulsos de favelas removidas de outras áreas da cidade, como a Praia do Pinto e Esqueleto.

A grande mudança vai se dar através do chamado Projeto-Rioⁱⁱ, já na década de 1980, ainda durante os governos militares, quando as palafitas vão ser erradicadas e serão construídos novos conjuntos habitacionais, para onde irão as famílias removidas. Os anos seguintes serão marcados pela urbanização, pela erradicação total das moradias sobre palafitas e pela construção de novos conjuntos habitacionais e equipamentos comunitários em áreas remanescentes dos aterros do Projeto-Rio. Na

paisagem local, a precariedade dos barracos de madeira vai dando lugar a casas de alvenaria e laje, que proporcionam um novo sentido de crescimento: o vertical.

Concomitantemente ao processo de urbanização ocorreu o surgimento e fortalecimento do crime organizado, cujas disputas internas, as equivocadas políticas de segurança e a incoerente ação policial, têm dificultado profundamente o processo de integração das comunidades do bairro e a construção de uma identidade coletiva local, o que já vinha se verificando face às radicais intervenções do poder público e a rapidez das mudanças com que foram impostas.

Da memória ao museu

É nesse contexto que surge o desejo de memória. No caso da Maré esse desejo se manifestou a partir da tomada de consciência de jovens moradores, que ao desenvolverem uma experiência de vídeo comunitário, numa proposta de registrar a fala dos mais velhos, se viram surpreendidos por uma história que não conheciam. Desses depoimentos orais surgiram quadros de memória que respondiam a antigos questionamentos desses jovens, referências da história do lugar desconectadas passam a ter sentido a partir da memória dos velhos moradores, o espaço, as lembranças e o tempo podem ser compreendidos por estas conexões.

Surgia assim a semente de um processo de construção coletiva da história. Na busca de sua própria identidade estes jovens mergulharam num processo de pesquisa sobre a história local, que já não se limitava apenas ao depoimento oral, mas avançava em outras formas de registro documental, principalmente num processo quase arqueológico de identificação de imagens, já que o objetivo principal era o de realização de um vídeo que contasse a história do lugar.

Nesse trabalho conseguiram reunir um considerável volume de informação. Puderam recuperar documentos que atestavam a veracidade de várias afirmações contidas nos depoimentos orais, puderam experimentar a descoberta das mais antigas imagens da região, fotografadas pela lente de Augusto Malta nas primeiras décadas do século XX e identificadas pelo fotógrafo como Praia do Apicu, reconhecidas a partir da indicação desse lugar no depoimento de um velho pescador.

Tal experiência nos faz lembrar Andreas Huyssen, ao apontar a existência de uma relação dialética entre memória e história, identificando a memória como impulso para reescrever a história, encontrando assim uma função que lhe dá utilidade e garante o futuro, ao mesmo tempo em que é legitimada pela história e incorporada como produtora de conhecimento no campo historiográfico (Huyssen, 2000).

A compensação trazida por esta experiência é a força afetiva e o *animus* do engajamento, como nos diz um dos participantes:

Hoje, a gente vê a Maré distante do mar e pensa o que passa na cabeça das crianças que não conheceram as palafitas, que não viram a luta dos seus avós e pais para construir a comunidade. Acho a Maré singular, pois foi construída sobre o mar. Quem chegou primeiro não pôde ocupar direto, teve de preparar a terra. A história da Maré é uma história de luta e fomos aprendendo isso com os moradores mais antigos. (ISER., 2004, p. 15)

Como desdobramento e resultado do engajamento no trabalho de memória, foi constituída a Rede Memória da Maré, que passou a desenvolver, de forma institucional, uma série de projetos voltados para a preservação da história local. Dessa forma, com o material produzido pelas pesquisas, constituiu-se um arquivo documental formado por fotografias, documentos, recortes de jornal e depoimentos gravados em vídeo. Como meios de divulgação desse material, foi criada uma exposição fotográfica impressa em *banners*, que facilmente pode ser exposta em lugares públicos. No mesmo sentido, formou-se um grupo de contadores de histórias, cujo repertório é composto de casos e lendas recolhidos nos depoimentos orais. Esse trabalho parte de uma consciência que deseja fazer da memória um fio condutor de identidade, que não se entrega ao processo de fragmentação típico desses tempos de modernidade tardia.

No esforço de garantir uma historiografia local, que seja inclusiva e situe o processo histórico da Maré no contexto da história da cidade e do país, a Rede Memória produziu um texto fundador chamado "História da Maré".

Por fim, o desejo de memória chega hoje às últimas conseqüências com a novidade de um Museu da Maré. O museu, assim chamado de forma provocativa em contraposição à idéia dos museus monumentais, adota o tempo cíclico e temático como referência: a água, a feira, a casa, o medo, a fé, são algumas das formas de contagem desse tempo no qual o passado, o presente e o futuro se encontram. Ao todo são doze tempos, ressignificando o tempo cronológico que tem nesse número uma especial referência, pois são doze as horas do relógio e os meses do ano.

O eixo central da exposição é a casa, razão de ser da luta que fez surgir a Maré. Os objetos, ainda poucos, se pretende integrar na medida em que os próprios moradores forem definindo o que é importante para ser exposto. O forte da exposição é o farto material fotográfico e a alma, que de forma inexplicável, se sente presente nesse museu. É por isso que além de contar a história, valorizar a cultura local e suas múltiplas formas de identidade e propor uma reflexão que perpassa a idéia do tempo, o museu é um lugar onde as pessoas se encontram, e talvez por isso a experiência de visitá-lo se converta em emoção, como atestam alguns moradores que deixaram suas impressões no livro de visitasⁱⁱⁱ:

"Eu morei nas palafitas, hoje moro no Pinheiro, tenho 31 anos, já levei tiro, já fui agredido fisicamente mentalmente. Mas essa visita faz vc notar a evolução de um povo que não tinha nenhuma chance, um povo que luta, que sofre e que com certeza vence a cada dia que passa. Falo isso como um vencedor que tem muito que fazer para continuar na luta!"

“Sensacional. Se toda nossa memória, a memória da nossa cultura, fosse tão bem representada não repetiríamos os mesmos erros e nossa sociedade avançaria para ser mais igual.”

“Me transportei ao meu passado, quando era criança. Parabéns pelo belo trabalho. Procurando demonstrar a realidade vivida aqui por muitas famílias, me sinto orgulhoso de fazer parte desta história e de poder ajudar de alguma forma mudar esta realidade.”

“Gostei muito. Foi como se eu tivesse voltado no tempo e visto quanto éramos felizes apesar da pobreza e miséria, mas podíamos brincar sem medo da violência, só das assombrações que imaginávamos ter. Saudades do meu pai que ajudou a fazer vários barracos desses. Cristina nascida e criada na Maré e com orgulho de ter uma história para contar para filhos e netos.”

Com a criação do museu, há um movimento de valorização da experiência vivida. O sentimento de pertencimento e orgulho desperta o desejo de transformação da realidade. É por isso que o Museu da Maré se propõe a não limitar-se a uma exposição, o objetivo é atingir a vida das pessoas e chamá-las a participar da construção dessa história. Se elas fazem parte do que vêem e se o que vêem é um momento de um processo contínuo, que elas se sintam convocadas a permanecer como agentes nesse processo, que é o processo de construção da própria vida.

ⁱ Projeto de intervenção urbana da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro realizado no programa Célula Urbana, que implantou um conceito que trata todo espaço local como museu, destacando prédios e outras construções de interesse histórico. O Museu a Céu Aberto do Morro da Providência, foi inaugurado em 10/08/2005 pelo prefeito César Maia.

ⁱⁱ Projeto desenvolvido no início da década de 1980, pelo Governo de João Figueiredo, que tinha por objetivo o saneamento da orla da Baía de Guanabara, na extensão do Caju a Duque de Caxias, cujas ações previam a erradicação das favelas da área da Maré e a construção de conjuntos habitacionais nos terrenos obtidos a partir do aterro da Enseada de Inhaúma.

ⁱⁱⁱNo livro de visitas do Museu da Maré os visitantes manifestam suas impressões, dão sugestões, fazem críticas, mas em geral não deixam uma identificação, pelo que os depoimentos não fazem referência a seus autores.

Referências Bibliográficas:

ABREU, Maurício de Almeida. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO/Jorge Zahar Ed., 1988.

AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CENTRO DE ESTUDOS E AÇÕES SOLIDÁRIAS DA MARÉ (CEASM). *A Maré em dados: Censo 2000*. Rio de Janeiro, 2003.

_____. *Instituições do Bairro Maré: dados gerais*. Rio de Janeiro, 2004.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1998.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*, Rio de Janeiro: Ed. Aeroplano, 2000.

INSTITUTO DE ESTUDOS DA RELIGIÃO (ISER). *A memória das favelas*. Cadernos de Comunicações. Ano 23, nº 59. Rio de Janeiro, 2004.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante : técnica, ritmos e ritos do Rio. In : _____. *História da vida privada no Brasil*. São Paulo : Editora Schwarcz, 1998. Vol.3.

SILVA, Cláudia Rose Ribeiro da. *Maré: a invenção de um bairro*. Dissertação (Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Programa de Pós Graduação em História Política e Bens Culturais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2006.

VIEIRA, Antônio Carlos Pinto. *Histórico da Maré*. Rio de Janeiro, CEASM, 1998, mimeo.